

perspetiva

#03

Magazine Búzios 2017



ESPECIAL

ABRE ALAS 13

Essa é uma edição especial de babEL. Especial por quê? Porque firma nossa parceria com **A Gentil Carioca**, fortalecendo a iniciativa dessa plataforma experimental: a primeira revista de Búzios dedicada, exclusivamente, à promoção da arte e da cultura na região. Uma publicação impressa bimestral editada pela **bab** Bienal. Um Programa de Residência Artística que, iniciado em 2007, em seu momento inaugural se instalou num prédio desativado, na Orla Bardot, e que, ao longo de suas nove edições, tomou conta de outros espaços ociosos e públicos da cidade, trazendo para esta dezenas de artistas para pensar, discutir e criar arte.

A Gentil, para quem não conhece, é uma galeria de arte criada há 14 anos pelos artistas **Ernesto Neto, Laura Lima e Marcio Botner**. Localizada no centro histórico do Rio de Janeiro, mais especificamente na região chamada Saara, A Gentil foi concebida para cativar e difundir a diversidade da arte.

A Gentil, assim como a **bab**, surgem como espaços onde contextos artísticos ou políticos podem ser revitalizados de muitas maneiras. E, como campos de ação das artes, destinam-se a potencializar e a intensificar o debate artístico-crítico enquanto conhecimento e transformação. “Nós somos os propositores”, afirmou **Lygia Clark**.

Hoje, cada vez mais rápido, cada vez mais ‘líquido’, o tempo pulsa, veloz, em novas descobertas e na diversidade de tudo. E foi aqui, nesta península, a 300 km da capital carioca, que, num simpósio de psicanálise, me veio a surpreendente notícia de que aquilo que nomeamos de gênero atravessa os consultórios de psicólogos e psicanalistas e agora já relaciona mais de 50 tipos de representação, colorindo mais ainda o espectro do arco-íris que vai do masculino ao feminino e vice-versa. E, em meio a essa ‘novidade’ e chegando agora na casa dos 60, me surpreendo com essa notícia e com tantas outras que delineiam os tempos atuais e futuros.

Mas, voltemos a nossa babEL, essa de papel, aberta também à diversidade das linguagens da arte, esse espaço ávido pelo novo e que, nessa edição, alinha, além dos 17 artistas visuais apresentados pelo **Projeto Abre Alas** da Gentil: a crônica de **Miriam Mambrini**; o perfil da ex-bailarina solista **Cristina Costa (Cris Paramita)**; o inédito texto de Ernesto Neto com lembranças e uma homenagem a Búzios; e a deliciosa colaboração de **Rebecca Lockwood**, que, de Paris, nos acena com suas descobertas e sabores.

Armando Mattos
Artista/Editor

Vai chegando o verão e começam os movimentos: escolher os artistas, montar o catálogo receber as obras e finalmente abrir o abre alas. É muita alegria e muito trabalho, viva! =D

O Abre Alas começou por acaso, estávamos no fim do primeiro ano sem programação para fevereiro, Laura falou, e aqueles portfólios todos? e Marcio soltou Abre Alas, assim no susto nasceu, juntamos os portfólios e escolhemos, montamos a mostra e aquela arte refrescada e cheia de vida chegou, assim como o carnaval sempre desfila no nosso coração. Acreditávamos que ia ser só por um momento, um único ano. Meses depois, a Maria me mandou umas fotos de uns trabalhos falando: “quem sabe pro próximo Abre Alas?”, as pessoas queriam mais outro, a Gentil quis também, e o Abre Alas ficou, assim como o carnaval, todo ano. :-)

A gente aprende com as crias, afinal os pais nunca sabem o que os filhos querem. treze anos já se foram e a Mostra teve mil caras, só na galeria, na galeria e na encruzilhada, nos dois prédios gentis, no Hélio Oiticica, com o Barracão Maravilha etc etc... e depois de 5 anos escolhendo, os nossos convidados curadores passaram a comandar as escolhas, cheios de ideias e de visões, contribuindo com amor... <3 a maneira de receber o material sempre foi multicultural, assim como os artistas e a maneira de escolher. No começo éramos nós 3 que escolhíamos, um dia nos demos conta que seria sensacional saber a opinião de outros e chamamos dois artistas e um curador, no ano seguinte dois curadores e um artista, e fomos alternando. Este ano resolvemos incluir um colecionador. Entra ano e sai ano e os candidatos só aumentam, e é até chato, pois nosso espaço é pequeno pra tanta gente boa e talentosa.... \o/ e não temos apoio institucional, normalmente “nóis banca tudo” \$\$\$\$\$\$

E pra ser prático no calor do verão e no calor da hora, inevitável julgar a arte pelo portfólio dos outros, o do velho salão dentro das nossas salinhas e meus car@s, escolher assim, não é fácil, mas, fazer o quê? tem outro jeito não...e se tiver a gente um dia muda.

Então muita gratidão a todos os artistas, aos curadores e ao jornal Babel nesta parceria maravilhosa e àqueles que entraram e os que não entraram tambémmuito artistas, assim como eu, Márcio e Laura já tiveram seus trabalhos recusados assim, a mensagem é não desanimar, sabemos que este mundo da arte não é fácil, mas assim é a vida e viva a vida do jeito que nela conseguimos navegar!

Parabéns a todos e salve o abre alas 13!!!

Beijos e abraços :*

A Gentil Carioca (-_-) (-_-) (-_-)



Abre-alas babel Búzios, por Ernesto Neto

Búzios, Búzios que saudade de Búzios, a natureza de Búzios que força sagrada, única indescritível, seu verde cerrado e árido cheio de vida rasteira suas pedras laminadas empilhadas inclinadas, lisas no topo crespas nas beiradas recebendo o vento, o eterno vento de Búzios, norte sul leste oeste, mas existem outros ventos, o doce, o salgado a brisa matutina, o suave encorpado da noite, a pancada constante da rasa, o lambe ondas de geribá também conhecido como solta cílios ou das gotas cristalinas que se desmancham no ar, o vento gordo, o vento magro, o azul, o claro, o verde, o rosa, Búzios venta, e o vento esculpe, quantas tardes olhando aquela natureza depois de um bom baseado, cada detalhe do siri, ouriço, aquela flora pele manto que cobre as pedras em seu encontro com a água que brota e some, no vai e vem das ondas, baratinhas, os segredos da lagoinha, forno brava, o aconchego da azeda, azedinha, João Fernandes, os barquinhos ancorados sempre olhando para o mesmo lado ali na praia dos ossos, fugiu, a noite o bar da corrente, rua das pedras, os barzinhos de cada verão, que nasciam e sumiam, o som uma cerveja, um baseado, um solo de guitarra, um violão, um canto, encontros, desencontros, aquela menina linda daquele verão que tanto olhei, apreciei, sonhei, os amigos, as pessoas de Búzios, a casa da Ana Luiza, Carlão, Carlinhos, Zezinho, Carol Markão, os tempos e as pessoas se misturam, Paulo, Dudu, Bento, as Surfistas, Ana Andreia, Ana Paula, os réveillons, “oitentaceis no meu linguês”, como Búzios me ensinou, com sua força natureza temperança, com seus pfs feijão, arroz, salada, farinha e peixe, quanto peixe e pescadores e redes, e o tecer da rede, e o café da manhã na padaria, rumo a geribá, o que que é a praia de geribá, quantas praias existem dentro da praia de geribá, com sua areia dourada cintilante, as ondas uma atrás da outra chegando, quebrando espumando e se desfazendo, naquela espuma flutuante na superfície fazendo sombra de baixo d’água, a água toda pintada pela espuma e transparente água correndo escorrendo se espalhando suave pela areia longa molhando, lambendo. As gaviotas coqueiros vento, e nós lá curando a ressaca, n’areia, n’água para no fim do dia do lado esquerdo contemplando aquele espetáculo sublime e calmo numa mesa de madeira pintada pés na areia e cerveja na mão, tudo dourado nos últimos raios do sagrado sol, pf no david, casa, banho e lombra, várias esculturas por lá fiz, na casa da Ana, cubinhos de arame com tecidos enlaçados, sereno tudo fluindo, depois a noite, pedras pra lá, pedras pra cá só saboreando a vida as férias o tempo a se perder, sem compromisso largado, foi lá que li o livro Duchamp da coleção encantos radical escrito pelo Paulo Venâncio Filho, nem sabia quem era, sentado numa coluna pedra na azeda ou azedinha, quanta vida quanta alegria de suas praias desertas, hoje não tem mais praias desertas ou será que tem, Búzios tá cheio ficando careca de mata e cabeludo de casas, muito diferente da Búzios daquele tempo que nem telefone existia por lá, as pessoas iam chegando e se visitando, existia um requinte descontraído em Búzios, ainda existe, muito charme tem Búzios, mas tanta casa, carro e paralelepípedo que ficamos até sem saber o que fazer como cuidar de Búzios, o vento continua lá as pedras fatiadas penhascos, como cuidar da galinha dos ovos de ouro, é tanto ovo que quase não se vê a galinha, e mar, e onda, marola, brisa, e gente, muita gente, gente de todos os cantos, Búzios sempre trouxe gente de todos os cantos, mas quase não se canta mais, microfones, caixas de som, e paredes, muro, escondem um uma nostalgia no meu coração mas Búzios esta vivo no coração dos amantes, daqueles que sonham naquele lugar muito abençoado pelos deuses e deusas da beleza da alegria, brincadeira, festa e silêncio, ainda se encontra silêncio em Búzios, silêncio das ondas quebrando contra as pedras, enchendo suas frestas daquela água espumante, da maré vazante de Manguinhos das praias, geminadas pela ilha feto da tartaruga, da mata fechada, cheia de calangos, cobras e outro bichos, ahhh Búzios, você que tanto cuidou e cuida da gente, que nos ensina a cuidar de você, penínsulazinha sagrada, gratidão Búzios por tudo que você nos deu, nos traz e por tudo que ainda nos pode trazer, queremos cuidar de você, assim como de toda terra, nós humanos filhos da terra estamos descuidados de quem nos alimenta, e Búzios você é todo alimento, vamos cuidar de quem nos alimenta de quem cuida de nós, vamos cuidar de búzios de sua terra e praias pois o vento tem sabedoria e continua soprando, sopra nos nossos ouvidos vento, sopra um canto de cura, dos Búzios de Búzios conchas, peixes, siris, canta Búzios canta pra nós uma oração serena do mar, das pedras, da mata coqueiros, da ferradurinha ferradura de sua água azul turquesa, canta Búzios canta em nossos sonhos para que possamos aprender a ser gente e continuar te amando

Gratidão Búzios

Com amor.

Sopa boa se faz em panela velha

por Rebecca Lockwood - correspondente em Paris
rebecca.chef@gmail.com



Se você é daqueles que acreditam que os franceses não gostam de tomar banho mas reconhece que eles têm uma das culinárias mais

sofisticadas do planeta talvez seja a hora de olhar mais de perto para essa cultura usando um microscópio conceitual.

Em 1555, ao chegar ao Rio de Janeiro, o pirata Villegagnon escreveu ao rei da França demonstrando espanto com o hábito dos indígenas “de brincar em grupo na água, várias vezes ao dia”. Um hábito cultural espantoso para aqueles que vivem em um país frio e de clima seco, como a França, mas fácil de encarar quando se vive nos trópicos, onde o clima é quente e úmido. Talvez por isso 43% dos franceses, como demonstrou uma pesquisa recente do instituto francês BVA, não tomem banho diariamente. Comportamento que muitos franceses cultivam por acreditarem que ensaboar a pele todos os dias atue negativamente na camada de gordura natural da pele que é portadora de diversos microorganismos que, longe de serem uma ameaça, dão proteção e equilíbrio ao organismo.

Uma questão que está em pauta há muito tempo e que permeou as discussões com o químico e microbiologista francês Louis Pasteur, que postulava que deveríamos matar os germes na luta contra doenças e na produção de bebidas e alimentos lácteos. Ao contrário de outro cientista francês, Antoine Bechamp, que alertava para o perigo desta prática, pois, para ele, ao eliminarmos os micro-organismos ditos perigosos também eliminaríamos, provavelmente, os bons. Longe das polêmicas do passado e pelo que demonstra a mesma pesquisa do BVA, 87% deles lavam as mãos antes de fazer a comida.

Hoje, muitos cientistas afirmam que o corpo é composto também por uma espécie de órgão denominado ‘microbiota’ e que, morando nos trópicos ou não, todos temos esse sistema orgânico onde habitam bilhões de micro-organismos com pelo

menos 1,3 vezes mais células exógenas do que endógenas: os lactobacilos nas vaginas e as arqueias, fungos, vírus e fermentos nas tripas, pulmão e pele. Um sistema de defesas que se desenvolve a partir do nascimento e que leva de um a três anos para se formar. A microbiota é que garante o equilíbrio, a saúde do nosso corpo e a evolução da espécie.

Os micro-organismos não estão só dentro do corpo mas também são usados, há milênios, na produção de alimentos e bebidas. Com eles fazemos cerveja, vinho, saquê, caium, queijo, pão, vinagre, iogurte, conservas de peixe, carne, embutidos e legumes como, por exemplo, o chucrute.

Experimente dar apenas farinha de trigo e água ao ser humano e, provavelmente, ele morrerá de desnutrição. Mas se misturar o trigo à água e deixar que fermente em levedura, aí sim, a coisa muda. O levedo no pão torna o alimento mais nutritivo e saboroso, uma prova de que estamos todos juntos em um processo vital.

Para o antropólogo Lévi-Strauss, os índios tupis consideram que a digestão também acontece fora do corpo, da crueza à putrefação. Certamente podemos afirmar que os processos de corte, maturação, fermentação e cocção já são parte do processo de digestão, antes mesmo da comida entrar na boca. E que possibilita, com mais sucesso, a absorção dos nutrientes.

Mas os humanos não são os únicos a usufruir das técnicas de fermentação. Os cães enterram seus ossos, os macacos metem sua comida misturada com a saliva embaixo de pedras para comerem dois ou três dias depois e as formigas criam fungos a partir da baba fermentada de pulgões.

Na França, a fermentação é tratada com seriedade e existem escolas especializadas no assunto como a organização *Les Compagnons de Devoir*, que mantém e transmite este conhecimento secular para formar confeitores e padeiros. São anos de aprendizagem e ao final do curso os alunos precisam viajar e trabalhar durante um ano em outros *Compagnons*, na Europa, antes de serem remunerados por sua arte.

Mas se a modernidade se desenvolveu das pesquisas sobre a fermentação, das bactérias à microbiota, não podemos deixar de lembrar que os primeiros livros de culinária são dos

romanos. Chamados de Tratados Médicos, suas ‘receitas’ culinárias recomendavam o uso de ingredientes, temperos e especiarias para facilitar o processo digestivo. E foi por conta desse poderes curativos das ervas e especiarias que o mundo se voltou, primeiramente, para as Índias na busca das iguarias.

Também na Roma antiga as pessoas não sentiam repulsa pelas sobras de comida e era comum jogar restos dos banquetes no chão. E nesse cenário, artistas começaram a criar diversos mosaicos no chão nas cozinhas e salas de jantar. O *Unswept floor* (chão não varrido) é um dos mais antigos *Trompe l'oeil* (termo que significa “enganar os olhos ou iludir a realidade”) da história da arte. O *Unswept Floor* representava, tridimensionalmente, a presença e ao mesmo tempo a ausência de comida.

E, é no auge dos tempos modernos que toda artificialidade dos dias de hoje inicia com o grande chef de cozinha francês Antoine Carême. Em sua cozinha despreocupada com a natureza e associada à arquitetura vemos vigorar a estética industrial na alimentação que culminou com a cozinha molecular passando pelo uso de embalagens, concentrantes e estabilizantes nas dietas.

Mas graças ao bom senso e às novas descobertas da ciência a cozinha contemporânea tem se rebelado contra a estética moderna e se voltado para a associação da cozinha à dietética.

Como nos alertou o artista Hélio Oiticica na célebre instalação Tropicália, “A pureza é um mito”. E é com essa certeza que deveria caminhar a humanidade. Devemos olhar com mais atenção e incorporar a estética ecológica nas nossas ações. Afinal, nós e o mundo somos a mesma coisa. Em cada micro pedaço, somos todos parte de um maravilhoso mosaico.

Referências:

“A árvore do conhecimento, as bases biológicas da compreensão humana”, de Humberto R Maturana e Francisco J Varela

“História da alimentação”, de Jean-Louis Flandrin e Massimo Montanari



Este *Unswept Floor* (539 dc) da cozinha do Triclinos. Em ótimo estado, é possível visitar a obra na Suíça, no *Château de Boudry*, atualmente o museu da vinha e do vinho.

A PUREZA É UM MITO,

Hélio Oiticica

ABRE ALAS¹³

A
GENTIL
CAROÇA

ABRE ALAS¹³

curadoria de (curated by) Marcio e Mara Fainziliber, Maria Laet e (and) Bernardo de Souza

Adeildo Leite

Alexandre Furcolin Filho

Anna Costa e Silva

Beatriz Chachamovits

Bernoit Fournier

David Bert Joris Dhert

Fernanda Leme

Guerreiro do Divino Amor

Luciana Kater

Lyz Parayzo

Rafael Abdala e Jessica Goes / PROTOVOULIA

Rafael Bqueer

Rebola

Romain Dumesnil

Talita Hoffmann

Tania Dinis

Zaven Paré

Ao final de um ano que se encerra inglório, atingido por constantes marés de eventos desastrosos à vida do Brasil e do mundo, segue-se outro, marcado, antes mesmo de seu princípio, por previsões políticas e econômicas em nada alvissareiras quanto ao futuro próximo da humanidade. Nesta toada dramática, seguimos em ritmo de avanço e retrocesso, embalados por sinais trocados, muito barulho e saraivadas de balas, avançando o sinal vermelho do tempo sob risco e perigo iminentes.

Banhado em tintas de pura artificialidade, às escaramuças noturnas, dia após dia, o sol nasce tão belo quanto aterrador para o povo carioca - a inútil paisagem se impõe inclementemente à revelia daquilo que é sentido e processado na ruas da cidade, sobre o piche do asfalto ou da terra em chamas. Mas por quanto tempo, ainda, o Rio de Janeiro continuará lindo, às expensas de um povo maltratado em sua escorchante rotina de sol a sol?

Sob as tórridas temperaturas de um novo verão, a Gentil Carioca nos brinda com um show de grandes novidades: um bloco de jovens e nem tão jovens artistas dispostos a invadir as avenidas de 2017 paramentados com a artilharia revigorante da arte, vestidos da força e da potência criativa que a todos os males espantam, descortinando horizontes e renovando o fôlego de nossa épica aventura sobre o planeta terra.

Este janeiro abre o ano confrontado por anjos e demônios, revelando imagens de urgência absoluta - sem filtros ou maquiagem - ao passo em que constrói cenários delirantes, de tintas ficcionais, os quais desvelam um mundo que ainda está por ser compreendido, imaginado, inventado e construído. Mas neste mundo que é mundo mas também não é mundo, realidade e fantasia operam não mais como antípodas, mas como campos complementares a engendrar novas esferas de poder, amor e convivência. Precisamos alcançar, a um só tempo, o que está longe e o que está perto, o que é visível e o que é indizível, o que está no gíbi e o que ainda está por vir.

Dentro de um caldeirão de ingredientes e vozes tão dissonantes quanto complementares - pois assim é a democracia, tanto de corpos quanto de ideias -, produzir-se-á a mais bela alquimia, o elixir da longa vida, o suprassumo da alegria, o antídoto às ideias comezinhas e o veneno antimotonotonia. Por entre as cobras e lagartos do ano que se foi, há de irromper um novo homem, ora híbrido, ora mutante, em tempos científico, noutros poético, feio e belo, transgressor ou pacificador, porém sempre alerta, dinâmico, solidário e corajoso. Embarcamos, destemidos, com foco e euforia, na nau da arte e dos desvairados, num carrossel de cores, formas, ideias e imagens que ofertam graça e tristeza, razão e insanidade. Armados com bússolas e serpentinhas, giletas e confetes, derrubamos os muros do passado e vislumbramos os estandartes do futuro, sambando e marchando em meio a blocos de homens e mulheres, índios e Alices, gays e travestis, clones e ciborgues, parando, aqui e ali, num cinema para namorar, numa esquina para panfletar ou num motel para transar; mas logo seguimos em frente, pois não há mais tempo que se possa perder: ô abre-alas que eu quero passar, ô abre alas que eu quero passar!

Marcio e Mara Fainziliber, Maria Laet e Bernardo de Souza

Esta seção foi publicada em parceria com a A Gentil Carioca por ocasião da exposição Abre Alas 13, realizada entre 21/01 e 18/02/2017 na galeria A Gentil Carioca.

This section was published in partnership with A Gentil Carioca on the occasion of the exhibition Abre Alas 13, held between January 21st and February 18th at A Gentil Carioca gallery.

Adeildo Leite



Simão que ama Tiago, 2015 / acrílica e óleo s/ tela
(acrylic and oil on canvas) / 20 x 30 cm



André que ama Tiago, 2015 / acrílica e óleo s/ tela
(acrylic and oil on canvas) / 20 x 30 cm



Tomé que ama Mateus, 2015 / acrílica e óleo s/ tela
(acrylic and oil on canvas) / 20 x 30 cm



João que ama Filipe, 2015 / acrílica e óleo s/ tela
(acrylic and oil on canvas) / 20 x 30 cm



Mateus que ama Pedro, 2015 / acrílica e óleo s/ tela
(acrylic and oil on canvas) / 20 x 30 cm



Simão que ama Bartolomeu, 2015 / acrílica e óleo s/ tela
(acrylic and oil on canvas) / 20 x 30 cm



João que ama André, 2015 / acrílica e óleo s/ tela
(acrylic and oil on canvas) / 20 x 30 cm

Esse trabalho surge de uma inquietação/provocação sobre o uso de argumentos religiosos contra os relacionamentos homoafetivos e supõe uma relação amorosa entre cada um dos 12 discípulos. A série é formada por um conjunto de 7 pinturas em pequenos formatos.

This works arises from a concern / provocation about the use of religious arguments against homosexual relationships and imagines relationships between each of the 12 disciples. The series is made up of a group of 7 paintings in small formats.

Adeildo Leite vive e trabalha em Recife. Sua pesquisa lida com apropriação e ressignificação de imagens ligadas ao desenho e a pintura.

Adeildo Leite lives and works in Recife. His research deals with appropriation and re-signification of images linked to drawing and painting

Alexandre Furcolin Filho



BR MOTELS, 2016 / livro (book) / 23 x 16 cm

Alexandre Furcolin Filho é artista visual, nascido em Campinas-SP. Vive e trabalha em São Paulo-SP. Desenvolve pesquisa artística em livros, ensaios e instalações tendo como ponto de partida a linguagem fotográfica e a criação de narrativas visuais através de associações semânticas e sintáticas entre imagens em diferentes suportes.

Alexandre Furcolin Filho is a Visual Artist born in Campinas - São Paulo. He lives and works in São Paulo - SP. He develops his artistic research in books, essays and installations using the language of photography and the creation of visual narratives through semantic and syntactic associations between images in different media as his starting point.

BR MOTELS foi realizado dentro da residência da Feira Plana 2015 por Alexandre Furcolin Filho e Jazzie Moysiadis. O livro é resultado de uma viagem de dois mil kms em trajeto de coração, percorrida por rodovias entre os estados de São Paulo e Minas Gerais, com o objetivo de mapear e habitar os motéis encontrados ao longo do trajeto. Esses ambientes de fuga, espaços transitórios construídos e decorados a partir de formulações características à arquitetura comercial popular brasileira, tornam-se lugar de destino final e objeto de pesquisa social e visual.

BR MOTELS was created during the Feira Plana 2015 residency by Alexandre Furcolin Filho and Jazzie Moysiadis. The book is a result of a heartfelt 2000 km journey on highways between the states of São Paulo and Minas Gerais with the objective of mapping and inhabiting the motels encountered along the way. These environments of escape, transitory spaces built and decorated from characteristic formulations of popular commercial Brazilian architecture, become the final destination and the object of social and visual research.

Anna Costa e Silva

Anna Costa e Silva realiza situações construídas de encontro que investigam cruzamentos possíveis entre subjetividades. Explorando interseções entre artes visuais, artes cênicas, cinema e práticas relacionais, a artista cria dispositivos que impulsionam estados de intimidade e estranheza, e esticam os limites entre realidade e ficção, eu e o outro, experiência e memória.

Eu, que estou à espera, é um encontro um a um entre performer e participante, a partir de bilhetes com narrativas pessoais espalhados nos bares da Praça Tiradentes. Ao encontrar um bilhete, o participante segue instruções até um performer, que o conduzirá por uma caminhada-conversa pela noite.

Anna Costa e Silva creates situations constructed from encounters that investigate intersections between subjectivities. Exploring the intersections between visual arts, scenic arts, cinema and relational practices, the artist creates devices that propel states of intimacy and awkwardness, and push the limits of reality and fiction, I and the other, experience and memory.

Eu, que estou à espera, is a one to one encounter between a performer and participant, stemming from notes with personal narratives spread in bars in Tiradentes Square. When they find a note, participants follow the instructions to find a performer, who then leads them on an evening walk/conversation.

Anna Costa e Silva (Rio de Janeiro, 1988) é mestre em Artes Visuais pela School of Visual Arts, NY. Realizou individuais e coletivas em espaços como Caixa Cultural, Parque Lage e Casa Triângulo. Recebeu os prêmios Bolsa Funarte 2015 e FOCO Bradesco ArtRio 2014.

Anna Costa e Silva (Rio de Janeiro, 1988) has a master's degree in Visual Arts from School of Visual Arts, NY. She has held individual and collective exhibitions at spaces such as the Caixa Cultural, Parque Lage and Casa Triângulo. She was awarded the 2015 Funarte scholarship and the FOCO Bradesco ArtRio in 2014.

Eu, que estou à espera, 2016 / encontro um a um (one to one encounter) / duração a critério do participante (duration decided by the participant) / performers: Catharina Caiado, Flora Diegues, Luciana Novak e Zé Azul



Beatriz Chachamovits



Dissolução, 2017 / esculturas de corais em risco de extinção em massa de modelar sobre areia, imersas em água em aquário de vidro sobre pedestal de MDF (sculptures of coral at risk of mass extinction made of play dough on sand, immersed in water in a glass aquarium on an MDF pedestal) / total de 20 dias imersos (total of 20 days immersed) / aquário (aquarium): 115 x 45 x 21 cm

Beatriz Chachamovits (São Paulo, 1986, vive e trabalha em São Paulo). Bacharel em Educação Artística pela FAAP em 2008. Por meio do desenho e da escultura, investiga o ecossistema marinho, evidenciando seus seres e formas exóticas; destacando a situação de risco que os recifes de corais se encontram. Busca convidar o público a descobrir uma complexa rede biológica onde a idéia de sistema se materializa através da organização, repetição e simetria. Realizou exposição individual na Galeria Oscar Cruz (São Paulo, 2013). Entre suas principais exposições coletivas destacam-se Visite Decorado (Rua Ceará 470, São Paulo, 2016), Estruturas Imaginárias (MARCO, Campo Grande, 2014), 41° Salão da Primavera (MAM, Resende, 2013), Até Meio Kilo (MAC, Ribeirão Preto, 2011). Seu trabalho está presente na coleção do Museu de Arte Contemporânea de Campo Grande. É uma das idealizadoras e organizadoras do projeto Iscream.

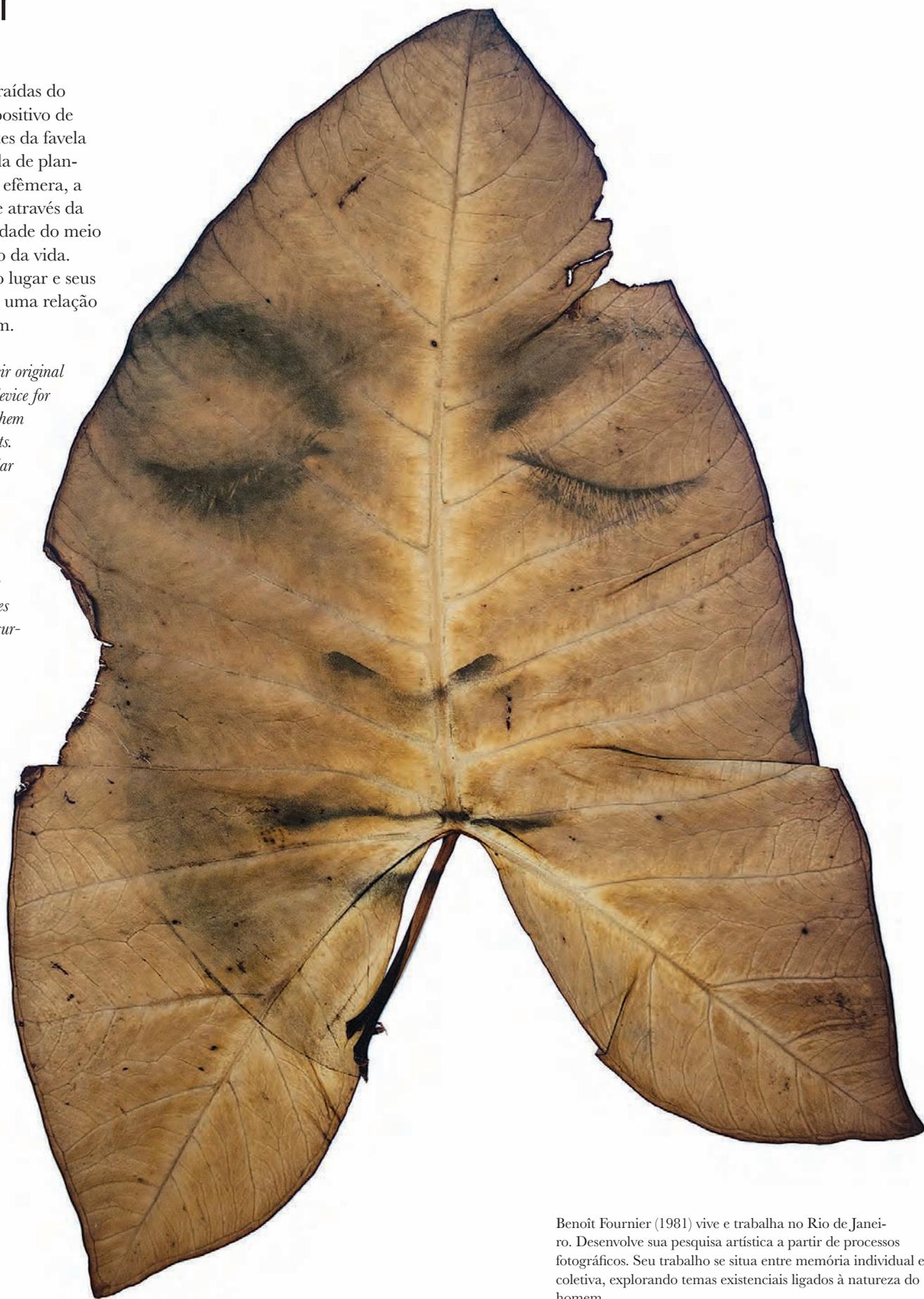
Beatriz Chachamovits (São Paulo, 1986, lives and works in São Paulo). Bachelor's degree in art education from FAAP in 2008. She investigates the marine ecosystem through drawing and sculpture, bringing to light its beings and exotic forms; highlighting the danger that reefs and corals face. She aims to invite the public to discover a complex biological network where the idea of a system materializes itself through organization, repetition and symmetry. She realized an individual exhibition at the Oscar Cruz Gallery (São Paulo, 2013). Amongst the highlights of her main collective exhibitions are Visite Decorado (Rua Ceará 470, São Paulo, 2016), Estruturas Imaginárias (MARCO, Campo Grande, 2014), 41° Salão da Primavera (MAM, Resende, 2013), Até Meio Kilo (MAC, Ribeirão Preto, 2011). Her work is part of the collection of the Contemporary Art Museum of Campo Grande. She is one of the creators and organizers of the Iscream project.

Benoît Fournier

Ressurgência é uma obra sobre as folhas extraídas do local (Babilônia, RJ) à maneira de um dispositivo de memória daquele lugar. Nelas, os habitantes da favela aparecem em imagens feitas com a clorofila de plantas locais. Considero a folha como única e efêmera, a semelhança do indivíduo que nela aparece através da clorofila. A lentidão do processo e a fragilidade do meio fotográfico estão em sincronia com o ritmo da vida. *Ressurgência* cria uma memória subjetiva do lugar e seus habitantes, e, de forma poética, estabelece uma relação entre as pessoas e a natureza que as cercam.

Ressurgência is a work on leaves taken from their original location (Babilônia, RJ) and used as a memory device for that place. The residents of the favela appear on them in images created with chlorophyll from local plants. I consider the leaf as unique and ephemeral, similar to the individual who appears on them through the chlorophyll. The slowness of the process and the fragility of the photographic medium are in sync with the rhythm of life.

Ressurgência creates a subjective memory of the place and its inhabitants and, poetically, establishes a relationship between people and the nature that surrounds them.



Jorge II, série *Ressurgência*, 2016 / impressão clorofila em folha de taioba (chlorophyll print on taioba leaf – arrowleaf elephant ear) / 34 x 22cm

Benoît Fournier (1981) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Desenvolve sua pesquisa artística a partir de processos fotográficos. Seu trabalho se situa entre memória individual e coletiva, explorando temas existenciais ligados à natureza do homem.

Benoît Fournier (1981) lives and works in Rio de Janeiro. He develops his artistic research from photographic processes. His work is situated between individual and collective memories, exploring existential themes linked to the nature of man.

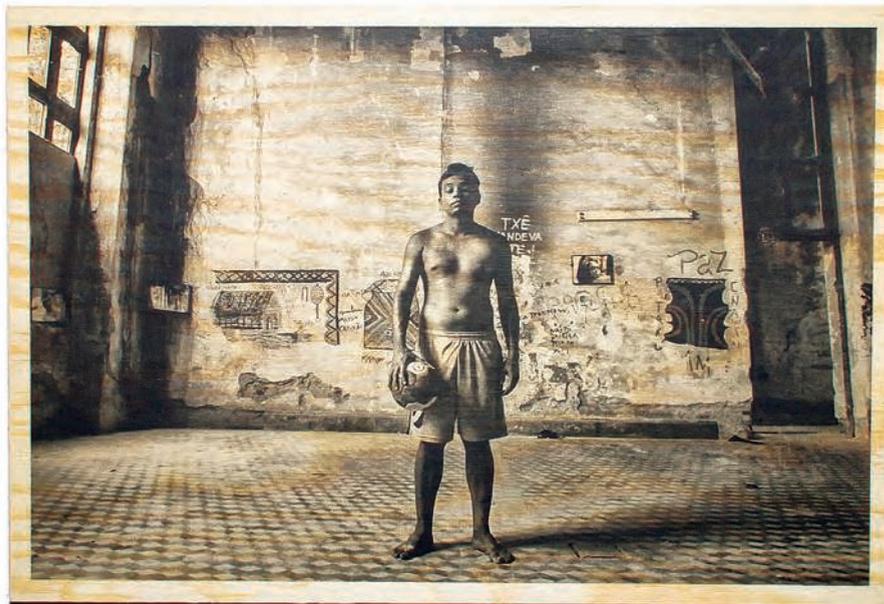
David Bert Joris Dhert

A série *As Árvores Voltarão A Falar* narra, em 16 tábuas, a paz e a tensão durante últimos momentos da ocupação indígena Aldeia Maracanã. (Três da série estão expostas nesta exposição.)

Elaborada em madeira industrializada em vez de em papel fotográfico, a série convida para uma reflexão mais ampla sobre a ocupação indígena Aldeia Maracanã, uma que vai além da discussão sobre legitimidade e vai ao encontro da raiz do grito da comunidade indígena Brasileira que, enfrenta pobreza, desmatamento, assassinatos e guerras por território contra os grandes empreendimentos no país, urgentemente necessita ser escutada.

The As Árvores Voltarão A Falar series narrates, over 16 boards, the peace and the tension during the last moments of the indigenous occupation of Aldeia Maracanã. (Three pieces from the series are displayed in this exhibition.)

Created using industrialized wood instead of photographic paper, the series invites us to reflect more amply about the indigenous occupation of Aldeia Maracanã, a reflection which goes beyond a discussion about legitimacy and goes in search of the root of the cry of the Brazilian indigenous community who face poverty, deforestation, murders and wars for territory against the country's largest countries, a story that urgently needs to be heard.



David Bert Joris Dhert é cineasta, fotógrafo e artista visual Belga, trabalhando na área da antropologia visual. Formado como economista/antropólogo escolheu a lente para contar histórias. Vive entre a Bélgica e o Brasil desde 2010.

David Bert Joris Dhert is a filmmaker, photographer and visual artist, working in the field of visual anthropology. Trained as an economist/anthropologist he chose the lens to tell stories. He has lived between Belgium and Brazil since 2010.

Fernanda Leme



No Tapete, 2016 / acrílica e óleo sobre tela (acrylic and oil on canvas) / 104 x 152 cm

Minha pesquisa começa com fotos que tiro do meu smartfone ou com as que estão em meu acervo pessoal. Então transformo-as em pinturas. Nesta transformação, tento encarnar o coletivo em imagens íntimas e pessoais. Como uma visitação, uma fecundação do outro na minha própria auto representação. Neste processo, retrato as mudanças de valores e incertezas do mundo contemporâneo. Trabalho com retratos que são tão representativos na Arte e que hoje se realizam de forma banal. Logo são descartados, como o selfie, e como as relações contemporâneas. Isso mostra que não existe mais o envolvimento e o tempo que a Pintura exige.

My research starts with photos that I take with my smartphone or those that are in my personal archive. I then transform them into paintings. Through this transformation I try and embody the collective in intimate and personal images. As a visit, a fertilization of the other in my own self representation. In this process I portray the change in values and the uncertainties of the contemporary world. I work with portraits, that are so representative within Art, but that have now become so banal. They are quickly discarded, like the selfie and contemporary relationships. This shows that the involvement and the time that painting requires no longer exists.

Nasceu no Rio de Janeiro em 1960, onde vive e trabalha. Arquiteta e artista visual, frequentou a Escola de Artes Visuais do Parque Lage e cursou “Formação do Artista” na Casa França Brasil, RJ.

Born in Rio de Janeiro in 1960, where she lives and works. Architect and Visual Artist, she attended the School of Visual Arts of Parque Lage and completed the “Formation of the Artist” course at Casa França Brasil, RJ.

Guerreiro do Divino Amor



Cosmogonia Supercarioca Superficcional Animada, 2016 / painel de backlight animado (animated panel with backlight) / 220 x 130 x 20 cm

O painel “Cosmogonia Supercarioca Superficcional Animada” é parte da pesquisa “SuperRio Superficcões” que desenvolvo desde 2005. SuperRio é o gêmeo superficcional do Rio de Janeiro; um ecossistema de Superficcões que interferem na construção da cidade e do imaginário coletivo. InfraRio é o substrato sobre o qual se constrói SuperRio. Ele vem à tona em forma de supererupções dos supervulcões. Tal substrato é composto pela superescravidão, que rege inconscientemente as relações humanas e estrutura a sociedade supercarioca. As Supermídias têm papel primordial no ecossistema supercarioca, pois encenam, caracterizam e multiplicam as superficcões. Atuam como inúmeras camadas nebulosas modificando a percepção da realidade. A camada inferior de névoa é composta pelos rumores – inclusive por meio das redes sociais –, e a camada superior destila a realidade, criando outra paralela...

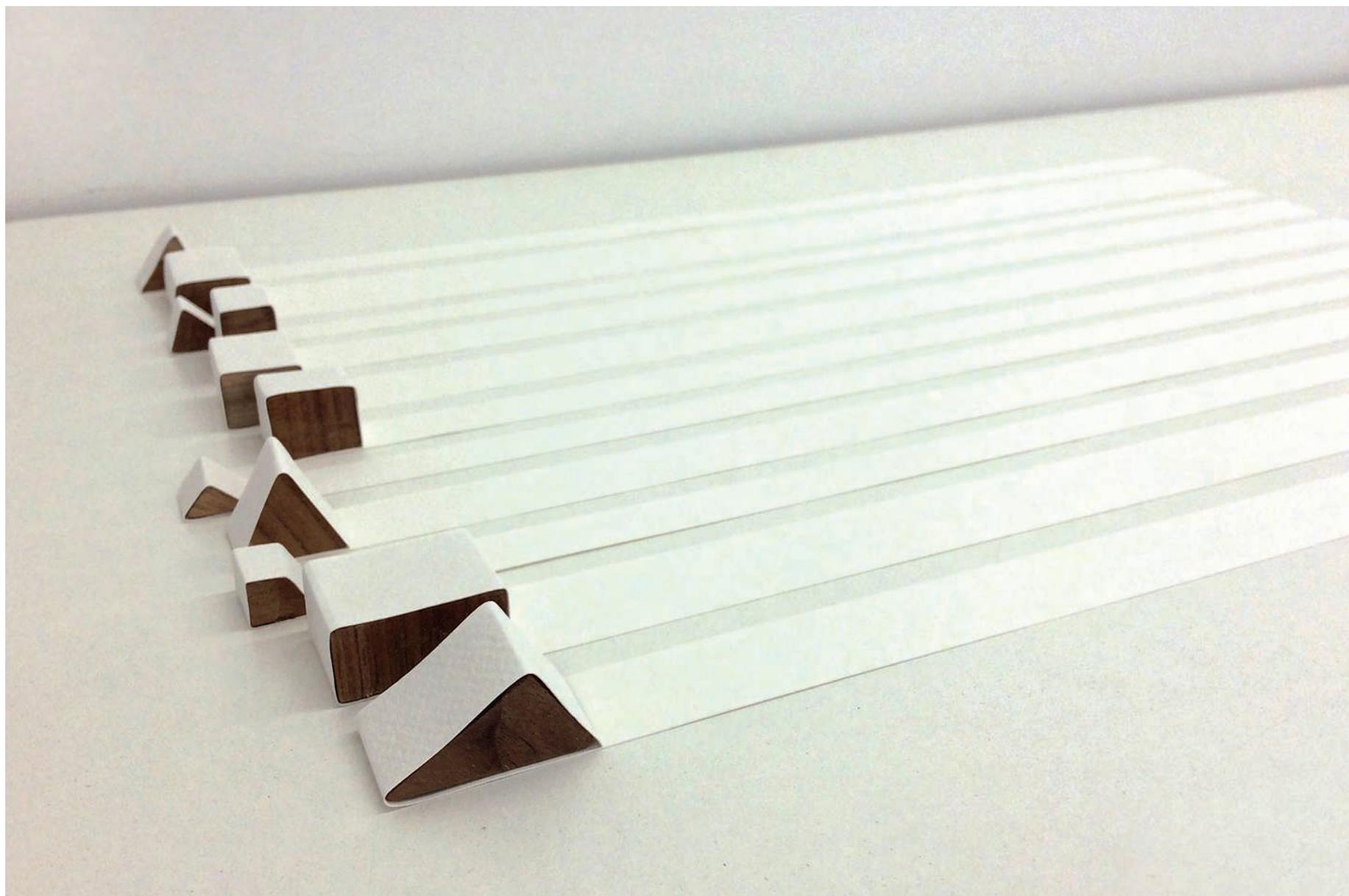
Guerreiro do Divino Amor (1983), vive e trabalha no Rio de Janeiro. Arquiteto de formação, atua nas áreas das artes visuais, do cinema e no espaço público com o coletivo Bunyotos de Corpo.

Guerreiro do Divino Amor (1983), lives and works in Rio de Janeiro. An architect by training, he operates in the areas of visual arts, cinema and in public spaces with the collective Bunyotos de Corpo.

The “Cosmogonia Supercarioca Superficcional Animada” panel is part of the “SuperRio Superficcões” research project that he has developed since 2005.

SuperRio is the superficcional twin of Rio de Janeiro; an ecosystem of Superficcions that intervene in the construction of the city and the collective imagination. InfraRio is the substrate on which SuperRio is built. It manifests itself in the form of supereruptions and supervolcanoes. The substrate is made up of super slavery, which unconsciously governs human relations and the supercarioca social structure. The Supermedia has a primary role in the supercarioca ecosystem as they enact, characterize and multiply the superficcions. They act as innumerable layers of nebula, modifying the perception of reality. The lower level of fog is made up of rumors - including through social networks - and the higher layer distills reality, creating a parallel one...

Luciana Kater



Curto esboço de uma trajetória, 2016 - detalhes (details) / instalação de objetos criados a partir de papel e madeira (installation of objects created from paper and wood) / dimensões variáveis (differing sizes)

Na minha pesquisa o papel e a madeira dão suporte a uma investigação estrutural e poética dos materiais. Utilizando dobras e recortes, crio formas tridimensionais que discutem peso, densidade e movimento. Meu interesse está na interação entre eles – como se sustentam, se envolvem, se comunicam. As formas geométricas sugerem a busca de um equilíbrio e de uma organização visual e conceitual, dando contorno a um universo simbólico que aparece como pano de fundo nas minhas obras. O trabalho manual e gestual executado num misto de experimentações e regras, testemunha uma natureza tátil à vontade com as formas simples que nascem de gestos simples.

In my research, paper and wood support a structural and poetic investigation of materials. Using folds and cuts, I create three-dimensional shapes that discuss weight, density and movement. I am interested in the interaction between them - how they support themselves, engage and communicate. The geometrical shapes suggest the search for an equilibrium and a visual and conceptual organization, giving contour to a symbolic universe that appears as a background in my works. The manual and gestural work executed through a mixture of experiments and rules, is a testimony to a tactile nature at ease with the simple forms that are born of simple gestures.

Nasceu em 1980 em San Francisco, EUA. Vive e trabalha em São Paulo. Participa regularmente de exposições desde 2008 e, em 2016, foi premiada em 1º lugar no Salão de Artes da Praia Grande.

Born in 1980 in San Francisco, USA. Lives and works in São Paulo. She has regularly participated in exhibitions since 2008 and was awarded the first place in the Praia Grande Art Salon in 2016.

Lyz Parayzo



Unhanavalha #1, série Joias Bélicas (*War Jewelry series*), 2016 / prata, aço, madeira, espuma, veludo e cetim (*silver, steel, wood, foam, velvet and satin*) / 5,4 x 6,9 x 7,3 cm

As tecnologias heteronormativas produzem corpos e respectivas performatividades dentro de uma lógica binária que silencia e ataca qualquer produção estética que destoe da cisgenderidade. UnhaNavalha é uma resposta a todas as violências que podem ser catalisadas por unhas/cor; é uma arma dura. A garra abjeta é agora objeto perfurante do medo e da horta. Apetrecho das putas pornô terroristas sobreviventes das trincheiras. Ótima para transportar pigmentos. Uma joia bélica para corpos bélicos.

Heteronormative technologies produce bodies and their respective performances within a binary logic that silences and attacks any aesthetic production that is different to cisgender. UnhaNavalha is a response to all of the violence that can be catalyzed by nails/color; it is a strong weapon. The abject claw is now an object that penetrates fear and the garden. Paraphernalia of the porno terrorist prostitutes, survivors of the trenches. Excellent for transporting pigments. A piece of war jewelry for waring bodies.

Lyz Parayzo (Campo Grande- 1994). Vive e trabalha entre a periferia e o centro do Rio de Janeiro. Tem o corpo como principal suporte de trabalho e sua performatividade diária como plataforma de pesquisa. Atualmente é graduando em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Já participou de coletivas nacionais e internacionais dentre elas Segunda Gran Bienal Tropical (Porto Rico). Já expos nas galerias Tato (São Paulo), Índicas Arte e Design (Rio de Janeiro) e Artur Fidalgo (Rio de Janeiro).

Lyz Parayzo (Campo Grande- 1994). Lives and works between the periphery and the center of Rio de Janeiro. Her main medium is the body and she uses her daily performative work as her research platform. She is currently graduating in Theatre at the Federal University of Rio de Janeiro. She has participated in national and international collective exhibitions including the Second Gran Bienal Tropical (Porto Rico). She has exhibited at the Tato Gallery (São Paulo), Índicas Arte e Design (Rio de Janeiro) and the Artur Fidalgo Gallery (Rio de Janeiro).

Rafael Abdala e Jessica Goes / PROTOVOULIA

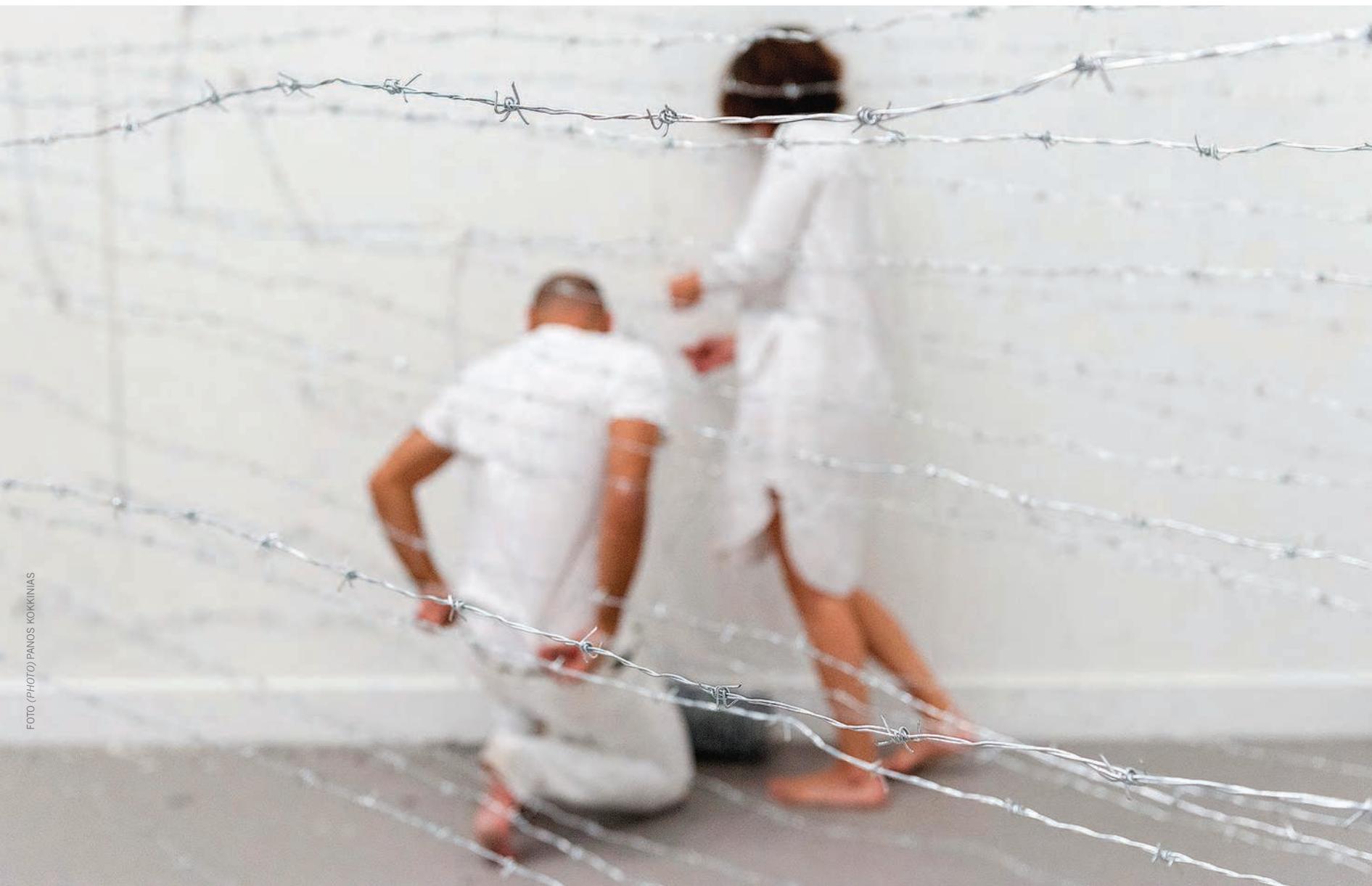
O vídeo *Manter / Liberar (Retain / Release)* é resultado da documentação da performance homônima, exibida dentro da mostra NEON + MAI | AS ONE. A performance foi realizada em um período de oito horas ininterruptas e o vídeo produzido apresenta o todo das ações executadas dentro da performance de longa-duração, trazendo uma composição autônoma e independente da obra performática. O duo, com trajetórias individuais anteriores de colaboração criativa e artística junto a outros grupos e coletivos, inauguraram sua parceria com esse trabalho e também através de um workshop, organizado e ministrado por ambos, dentro da programação da mostra.

The video Manter / Liberar (Retain / Release) is the result of the documentation of the performance with the same name, displayed at the show NEON + MAI | AS ONE. The performance was realized during an uninterrupted 8 hour period and the video produced presents all of the actions executed during this long performance, creating an autonomous composition and one that is independent from the performance. The duo, with previous individual trajectories of creative and artistic collaboration with other groups and collectives, started their partnership with this work as well as with a workshop, organized and facilitated by both of them, as part of the programming of the show.

PROTOVOULIA é um duo formado em 2016, pelos artistas Rafael Abdala e Jessica Goes, com pesquisa e produção orientadas por processos coletivos de criação e experimentação em performance, vídeo, fotografia e instalação.

PROTOVOULIA is a duo formed in 2016 by the artists Rafael Abdala and Jessica Goes. Their research and production is driven by collective processes of creation and experimentation in performance, video, photography and installation.

Retain / Release (*Manter / Liberar*), 2016 / performance e vídeo
(performance and video) / 6m 06s (vídeo)



Rafael Bqueer

O vídeo-performance, de 1:00 minuto, mostra uma ação onde me coloco no meio da correnteza de um grande córrego, de uma vala no complexo do Alemão- RJ, 2016.

Este vídeo faz parte de uma série que busca ironizar os Safáris- visitas guiadas em favelas. Esta pesquisa iniciou-se quando tomei conhecimento destas visitas e visualizei um site que as nomeavam como “SA-FÁRIS”. Esse foi o ponto de partida para levar uma crítica e empoderamento, em contraponto a este ato exotizador e bastante característico das históricas relações que os turistas de países colonizadores, principalmente europeus, estabelecem com pessoas de continentes que passaram pelo processo de colonização. Uma espécie de jaula a céu aberto, turistas que fotografam pessoas em seu cotidiano, mas não vivenciam a favela nas suas tenções, entre tiroteios e falta de saneamento.

Exponho esta tensão, perguntando quais os limites entre o corpo e as violências históricas que carregamos, entre o cair ou permanecer resistindo as fortes correntezas.

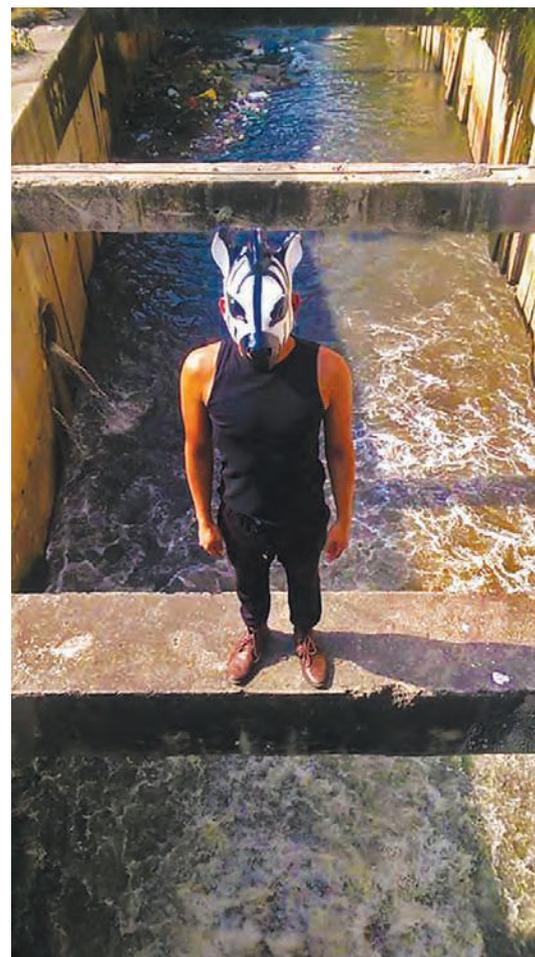
A montagem consiste em uma televisão de 21 polegadas, disposta na vertical, na mesma linha de disposição do vídeo, que passará em looping. No espaço, estarei fazendo uma ação ao vivo, onde ficarei de quatro, andando com um salto alto e a máscara de zebra. Uma crítica ao sistema exotizador e aos zoológicos humanos que ainda permanecem simbolicamente vivos em vários sistemas da sociedade.

The 1 minute video-performance shows an action where I place myself in the center of the current of a large stream, in a drainage ditch at the Complexo do Alemão- RJ, 2016.

This video is part of a series that aims to mock the Safaris - guided tours in favelas. This research began when I heard about these guided tours and saw a site that called them “Safaris”. This was the starting point for a critique and empowerment, a contrast with the act of ‘exoticising’ which is characteristic of the historical relationship that tourists from colonizing countries, mainly European, establish with people from continents who passed through the process of colonization. A type of open air cage, tourists photograph people in their daily lives, but do not experience the tensions of the favela, its shoot-outs and lack of sanitation.

I expose this tension, asking what limits there are between the body and historical violence, between falling or continuing to resist the strong currents.

The installation consists of a 21 inch television, placed vertically, at the same height of the video, which will be shown on repeat. I will be performing a live action in the space, where I will be on all fours walking with high heels and a zebra mask. A critique of the exoticising system and of human zoos that are still symbolically alive in various social systems.



Deu Zebra, 2016 / vídeo-performance

Rafael Bqueer, Belém, Pará, 24/08/1992.

Carnavalesco, Figurinista, Drag Queen e Bacharel, formado em Artes Visuais pela UFPA. Foi bolsista pelo banco Programa de Intercâmbio Santander, Escola de Belas Artes/ UFRJ. Também estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e bolsista do curso de Imersões poéticas da Casa França-Brasil.

Rafael Bqueer, Belém, Pará, 24/08/1992.

Carnavalesco, Costume Designer, Drag Queen, has a bachelor's degree in Visual Arts from UFPA. Awarded a scholarship by the Santander Exchange program and UFRJ School of Fine Arts. Also studied at the Parque Lage School of Visual Arts and received a scholarship for the Poetic Immersions course at the Casa França-Brasil.

Rebola

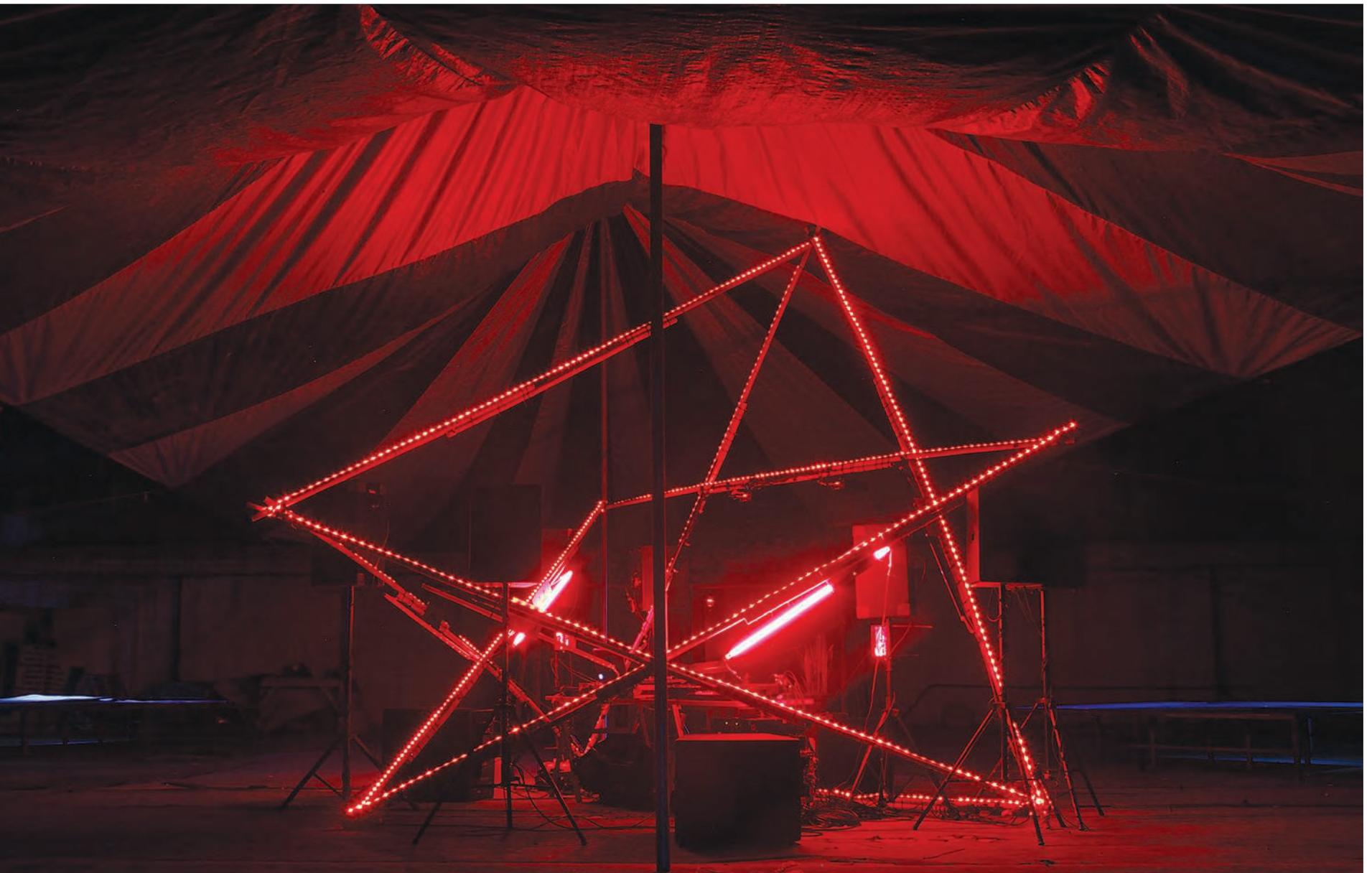
Rebola é um coletivo-festa que celebra a ancestralidade brasileira assim como sua contemporaneidade. Uma Entidade de Luz, construída com LEDs e bambu, “baixa” a cada edição, reunindo uma diversidade de pessoas que realizam rituais de dança e de libertação do corpo físico e espiritual. São batuques para incorporar, sons produzidos pelas periferias do mundo que se conectam pela batida do tambor ancestral e apontam para o futuro. Uma festa que configura uma nova mitologia urbana, idealizada pelo artista visual João Penoni e pelo educador Bruno Balthazar, que encarnam os DJs Faraófys e Galo Preto.

Rebola is a collective-party that celebrates Brazilian ancestry as well as its contemporaneity. It is an Entity of Light, built with LEDs and bamboo, which “manifests” itself at each edition, bringing together a variety of people who realize rituals of dance and of the liberation of the physical and spiritual body. Drumming for embodiment, sound produced by the peripheries of the world that connect through the ancestral drum beat and point to the future. It is a party that creates a new urban mythology, conceived by the visual artist João Penoni and the educator Bruno Balthazar, who embody the DJs Faraófys and Galo Preto.

Rebola participou da exposição *Encruzilhada*, na EAV do Parque Lage, com curadoria de Bernardo Mosqueira; da exposição *Das Virgens em Cardumes e da Cor das Áuras*, no Museu Bispo do Rosário, com curadoria de Daniela Labra, entre outros.

Rebola participated in the Encruzilhada exhibition at EAV Parque Lage curated by Bernardo Mosqueira; the exhibition Das Virgens em Cardumes e da Cor das Áuras, at the Bispo do Rosário museum, curated by Daniela Labra, amongst others.

Rebola, 2017 / festa/performance (party/performance)



Romain Dumesnil

Meu trabalho é essencialmente o produto de uma contínua meditação sobre as utopias e paradigmas modernas e as estruturas cognitivas tipicamente binárias que elas veiculam, baseadas em equações restritivas da realidade.

Nesse contexto me interesso pela exploração de procedimentos que operam no cruzamento entre domínios geralmente percebidos como distintos, pensando tais interstícios como possíveis brechas poéticas e políticas.

Minha pesquisa é informada por diversos elementos como mitologia, literatura, física, cosmologia e muitas vezes funciona por hibridação para questionar as qualidades metamórficas e combinatórias dos materiais, objetos ou situações em jogo.

Assim, relações entre natureza e artefatos, ciências e magia, forma e abstração ocupam um lugar recorrente na minha produção.

Como tal, eu vejo meu trabalho como um conjunto de experimentos, através do qual eu geralmente oscilo entre um ponto de partida controlado e um número de parâmetros flexíveis, trabalhando com acaso, elementos e interferências naturais.

My work is essentially the product of a continuous meditation on utopias and modern paradigms and the typically binary cognitive structures that they convey, based on restrictive equations of reality.

In this context, I am interested in exploring the procedures in operation between areas generally perceived as distinct, thinking about their interstices as possible poetic and political cracks.

My research is informed by diverse elements such as mythology, literature, physics, cosmology and often functions through hybridization to question the metamorphic and combinatorial qualities of materials, objects or situations at play. Thus, relationships between nature and artifacts, science and magic, form and abstraction occupy a recurring place in my work.

As such, I see my work as a set of experiments, through which I generally oscillate between a controlled starting point and a number of flexible parameters, working with chance, elements and natural interferences.



Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formado em Ciências Políticas e pela EAV Parque Lage em 2015, desde então expôs em várias ocasiões no Brasil, na França e na Inglaterra. Suas exposições mais recentes incluem: 41º salão de Ribeirão Preto, 35º salão Arte Pará, Feira Art Rio 2016 (Galeria Bernard Ceysson, Paris), Galeria Lume (SP), Central Galeria (SP), Galeria Bolsa de Arte (SP), Centro de Artes da UFF (RJ), 'Quarta-Feira de Cinzas' (EAV Parque Lage), Centre d'Art Contemporain Villa Arson (FR), Primo Piano (FR), Frameless Gallery (RU) entre outras.

Works and lives in Rio de Janeiro. Has a degree in Political Science and from EAV Parque Lage in 2015, since then has exhibited a number of times in Brazil, France and England. His most recent exhibitions include: 41st salon of Ribeirão Preto, 35th salon Arte Pará, Art Rio 2016 (Bernard Ceysson Gallery, Paris), Galeria Lume (SP), Central Galeria (SP), Galeria Bolsa de Arte (SP), UFF Art Center (RJ), 'Quarta-Feira de Cinzas' (at EAV Parque Lage), Villa Arson Contemporary Art Center (FR), Primo Piano (FR), Frameless Gallery (RU) amongst others.

Talita Hoffmann

No meu trabalho pesquiso as imagens que habitam as cidades - fachadas, embalagens, tipografias, sinalizações, construções arquitetônicas, etc. Pesquiso seus significados, suas sobreposições, sua fragmentação e suas possíveis leituras - tentando entender a imagem atualmente, com o seu bombardeamento por diferentes mídias e consequente achatamento designificado.

Utilizo como suporte principal a pintura, em um procedimento de criação semelhante ao da colagem. Através de uma narrativa própria, busco refletir sobre a paisagem urbana que é constantemente reconstruída e justaposta, seus desenhos arquitetônicos em constante movimento e os planos gráficos que acabam se cruzando em diferentes dimensões.

In my work I research the images that inhabit cities - facades, packaging, typographies, signs, architectural constructions, etc. I research their meanings, their juxtapositions, their fragmentation and their possible readings - trying to understand the present day image, with the bombardment from different media and consequent flattening of their meaning.

My main medium is painting, with a creative process that is similar to collage. Through my own narrative, I seek to reflect an urban landscape that is constantly rebuilt and juxtaposed, its architectural designs in constant movement and the graphic planes that end up intersecting in different dimensions.



Estacionamento, 2015 / tinta acrílica sobre tela (acrylic paint on canvas) / 90 x 250 cm

Porto Alegre, 1988. Formada em Design Gráfico, trabalha como artista plástica desde 2009, tendo já realizado exposições coletivas e individuais em lugares como Londres, Taiwan, Espanha e Estados Unidos. Vive e trabalha em São Paulo.

Porto Alegre, 1988. Graduated in Graphic Design and has been working as an artist since 2009. Has held collective and individual exhibitions in places like London, Taiwan, Spain and the United States. Lives and works in São Paulo.

Tania Dinis



Female, 2012 / vídeo / 04'25''

Os vídeos Female e Femmes, fazem parte integrante da performance FEMALE, que explora o confronto com o erro no acto de filmar e no processo da construção de um filme, convidando o público a entrar no processo criativo.

Uma pesquisa, um ciclo de vídeoperformance- processos artísticos sobre a mulher, o sonho, a intimidade e a provocação.

Pequenos momentos no íntimo misterioso feminino.

The videos Female and Femmes, are an integral part of the performance FEMALE, which explores the confrontation with errors in the act of making a film, inviting the public to enter into the creative process.

A piece of research, a cycle of video performance- artistic processes about women, dreams, intimacy and provocation.

Small moments in the intimate female mystery.

Tânia Dinis.1983.Portugal.

Mestrado em Práticas Artísticas Contemporâneas pela Faculdade de Belas Artes do Porto, 2015. Realizou Não são favas, são feijocas em 2013, Arco da Velha em 2015 e Linha em 2016.

Os seus projectos artísticos exploram os universos da performance, cinema, vídeo - fotografia (arquivos de família) e instalação, assumindo frequentemente um carácter itinerante. Algumas das suas criações: Female, Lap Dance, MONO-LOGO, Curva Ascendente, Calças de Fato de Treino, Não são favas, são feijocas, Imaginário Familiar, foram apresentados em várias instituições e festivais.

Tânia Dinis.1983.Portugal.

Master in Contemporary Artistic Practices from the Faculty of Fine Arts Porto, 2015. Realized. Não são favas, são feijocas in 2013, Arco da Velha in 2015 and Linha in 2016.

Her artistic projects explore the universes of performance, cinema, video - photography (family archives) and installation, frequently assuming an itinerant nature. Her works include: Female, Lap Dance, MONO-LOGO, Curva Ascendente, Calças de Fato de Treino, Não são favas, são feijocas, Imaginário Familiar, and have been presented in various institutions and festivals.

Zaven Paré



As pernas de São Sebastião, 2001-2016 / madeira, algodão e metal
(wood, cotton and metal) / 90 cm cada perna (each leg)

Obras de Zaven Paré são marionetes ou autômatos, objetos antropomórficos, fragmentos do corpo ou de animais, na forma de protótipos, esculturas ou instalações, formando um inventário de aparelhos e de montagens que funcionam segundo enunciados específicos. Como os manifestos artísticos – que são “constituições literárias” – estas máquinas assemelham-se a verdadeiras “constituições técnicas”. Quando se fabrica máquinas, a própria prática da construção – a escolha dos protocolos dos movimentos e das manipulações – tem precedência sobre quaisquer outras questões. Aqui se trata também de uma questão de montagem de pedaços, de aparelhos com outros aparelhos, e assim por diante, para evocar uma presença através de um desmembramento do corpo ao mesmo tempo em que sua ausência, por sua incompletude.

Works of Zaven Paré are puppets or automatons, anthropomorphic objects, fragments of the body or of animals, in the form of prototypes, sculptures or installations, making up an inventory of equipment or montages that work according to specific statements. As with artistic manifestos – which are “literary compositions” – these machines resemble real “technical compositions”. When you make machines, the very practice of building them – the choice of movement protocols and handling – take precedence over any other questions.

Here there is also a question of assembling pieces, of equipment with other equipment, and so on, to evoke a presence through the dismemberment of the body at the same time as its absence, by its incompleteness.

Artista pesquisador, pioneiro nas artes eletrônicas, Zaven Paré foi recompensado pelo 9º Prêmio Sergio Motta, recebeu o prêmio da Villa Kujoyama e da Japan Society for Promotion of Science por sua colaboração em robótica com Hiroshi Ishiguro.

Artist, researcher and pioneer of electronic arts, Zaven Paré was awarded the 9th Sergio Motta Award, and received the Villa Kujoyama and Japan Society Award for the Promotion of Science for his collaboration in robotics with Hiroshi Ishiguro.

At the end of an inglorious year, impacted by constant tides of disastrous events in Brazil and the World, another year follows, marked, even before its start, by political and economic forecasts that do not bode well for the near future of humanity. In this dramatic tone, we proceed in a rhythm of advance and retreat, rocked by crossed signals, a lot of noise and hails of bullets, advancing on the red light of time under imminent risks and danger.

Bathed in a purely artificial paint, the skirmishes at night, day after day, the sun that rises as beautiful as it is terrifying for the residents of Rio - the useless landscape imposes itself relentlessly, independent of that which is felt and processed in the city's streets, on the tar of the asphalt or the flaming earth. But for how long will Rio de Janeiro continue to be beautiful at the expense of a mistreated population in their scorching routine from sun to sun?

Under the torrid temperatures of a new summer, a Gentil Carioca offers us a show with big surprises: a group of young and not so young artists willing to invade the avenues of 2017 clad in the invigorating artillery of art, invested in the power and creative potency that scares away all evil, revealing horizons and giving new breath to our epic adventure on planet Earth.

This January a new year starts confronted by angels and demons, revealing images of absolute urgency - without filters or make-up - constructing delirious scenarios, of fictional paint, which reveal a world that is still to be understood, imagined, invented and built. But in this world that is a world but that is also not a world, reality and fantasy no longer operate as antipodes, but as complementary fields to engage new spheres of power, love and coexistence. We need to reach what is far and what is close, what is visible and what is unsaid, what has been recorded and what is still to come, all at the same time.

In a cauldron of ingredients and voices that are as dissonant as they are complementary - such is the democracy of bodies and ideas -, the most beautiful alchemy, the elixir of life, the height of joy, the antidote to mundane ideas and the anti-monotony poison are produced. As between the snakes and the lizards of the past year a new man must arise, sometimes hybrid, sometimes mutant, sometimes scientific, in others poetic, ugly and beautiful, transgressor or peacemaker, but always alert, dynamic, supportive and courageous. We embark fearlessly with focus and euphoria, in the ship of art and the wild at heart, in a carousel of colors, forms, ideas and images that offer grace and sadness, reason and insanity. Armed with compasses and streamers, razors and confetti, we knock down the walls of the past and see the banners of the future, dancing samba and marching in groups of men and women, indians and Alices, gays and transvestites, clones and cyborgs, stopping here, and there in a cinema to date, on a corner to hand out leaflets or in a motel to have sex; but soon forging ahead, as there is no more time to lose: ô abre-alas que eu quero passar, ô abre alas que eu quero passar!

Marcio and Mara Fainziliber, Maria Laet and Bernardo de Souza

FOTO (PHOTO) PEDRO AGLLSON



A Gentil Carioca

sócios fundadores (*founding partners*)

Ernesto Neto, Laura Lima e (and) Márcio Botner

direção (*director*)

Elsa Ravazzolo Botner

administração e departamento financeiro (*administration and finance department*)

Fabiola Neves

produção (*production*)

Carola Bitencourt

montagem (*exhibition installation*)

Ataíde Neves e (and) Angelo Neves

serviços gerais (*general services*)

Inácio Ferreira da Silva e (and) Ely de Freitas

Catálogo Abre Alas (*Catalogue*)

edição e design gráfico (*edition and graphic design*)

Liliane Kemper

tradução e revisão (*translation and proofreading*)

Thais Medeiros

SUPERFÍCIES

PROFUNDAS

Realização

DESPINA

LARGO DAS ARTES



Onde encontrar babEL

RIO

A Gentil Carioca
Rua Gonçalves Léo, 11 e 17 (Centro)

Galeria Gustavo Rebello
Av. Atlântica, 1702, loja 8 (Copacabana)

Galeria Largo das Artes
Rua Luiz de Camões, 2 (Centro)

BÚZIOS

Âmbar de Búzios
Rua das Pedras 116, loja 6 (Centro)

Porto da Barra - loja 22 (Manguinhos)

babEL digital
<https://issuu.com/babbienal>

babEL Búzios Magazine
Janeiro 2017, no.3

Editor /Designer Gráfico
Armando Mattos

Conselho Consultivo
Mônica Villela
Clemente Neto
Fernando Tige
Laura Lima
Anna Bella Geiger

Diagramação
Caroline Moreira

Revisão de texto
Leandro Salgueirinho

Edição
GALERIE Armando Mattos

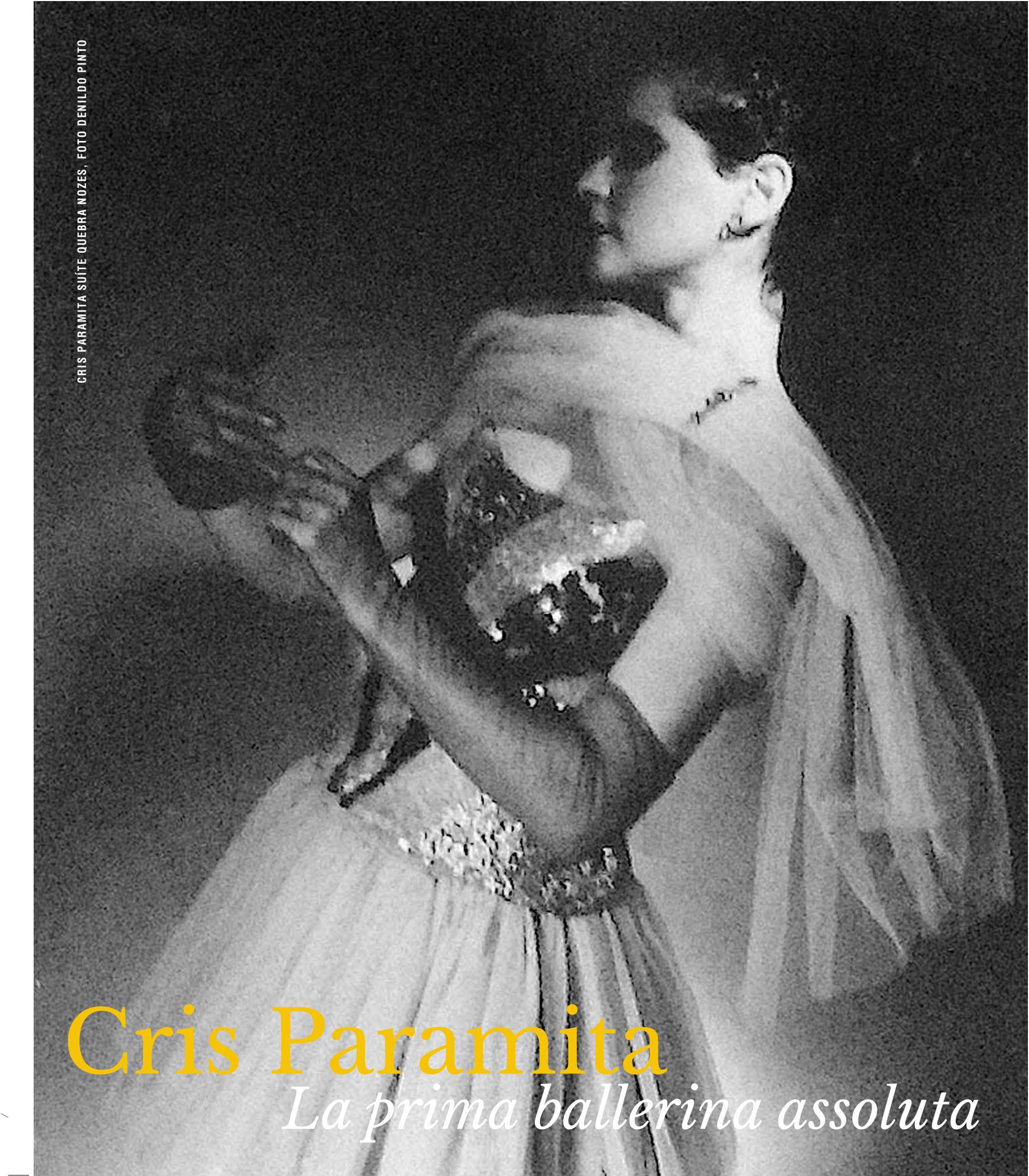
Impressão
A Tribuna Gráfica

Tiragem
2.000 exemplares



/Babel_magazine

CRIS PARAMITA SUÍTE QUEBRA NOZES, FOTO DENILDO PINTO



Cris Paramita

La prima ballerina assoluta

Cris é silenciosa quando fazemos menção à prática e ao ensino da Dança em Búzios



A bailarina-solista Cristina Costa chegou a Búzios em 1997 trazendo debaixo do braço um projeto artístico educativo para a dança. Um centro de referência para a formação de bailarinos profissionais que pretendia implantar, por meio da parceria com o **Theatro Municipal do Rio de Janeiro/TMRJ** e a Central de Técnica de Inhaúma, uma escola profissionalizante para ballet, orquestra, coro, cenografia, figurino e iluminação.

Cristina entrou no Corpo de Baile do Theatro Municipal em 1981, onde sempre executou solos e primeiros papéis, atuando ao lado dos consagrados **Nureyev, Baryshnikov, Julio Bocca, Lázaro Carreño, Margot Fonteyn, Marcia Haydée, Richard Cragun, Ana Batafogo, Cecília Kerche**, entre outros, em espetáculos como o “Lago dos Cisnes”, “Romeu e Julieta”, “Floresta Amazônica”, “Quebra-nozes”, “Giselle”, “Les Silphides”, além de concepções em dança contemporânea.

Em meados dos anos 80, insatisfeita com a elitização das ações institucionais, Cris Paramita – como é mais conhecida em Búzios – passa a atuar em movimentos político-artísticos para popularizar o repertório do ballet no **TMRJ** e funda, com outros artistas, o Grupo D.C. (Dissídio Coletivo) de Dança Contemporânea. Um coletivo artístico que visava promover o ensino profissional e a formação de plateia para a dança e que desenvolveu diversos projetos nas escolas da rede pública de ensino para a dinamização de novas audiências para as artes e a cultura no estado do Rio.

Em Búzios, Cris atua desde sua chegada no Colégio Estadual João de Oliveira Botas/CEJOB, onde, por meio de diversas frentes da educação não-formal, propõe um trabalho voltado para o desenvolvimento do interior humano. E que tem proposto, com sucesso, a reinserção e reintegração de jovens em risco social.

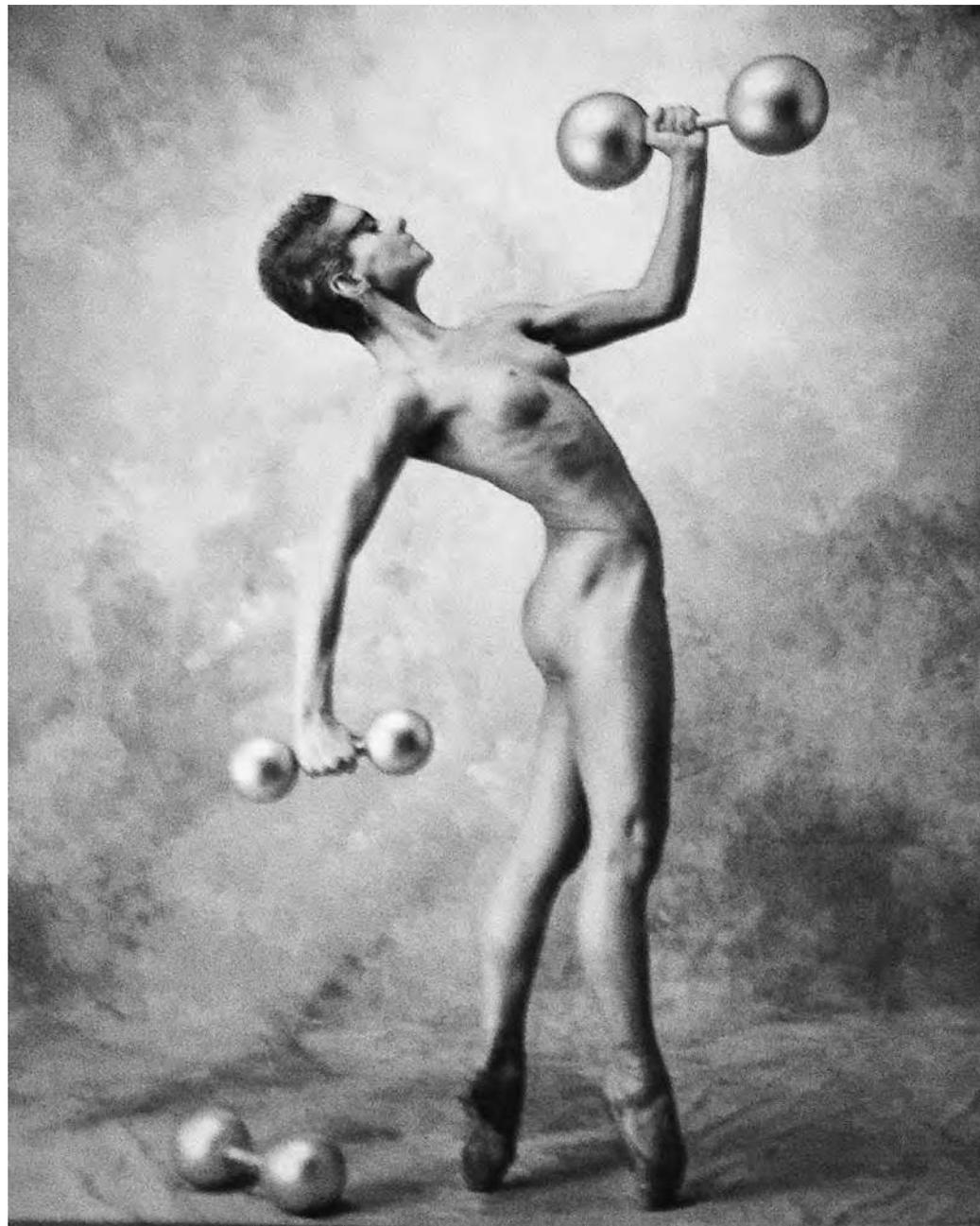
A prima ballerina Cris Paramita é figura de fácil identificação na cidade. A cabeça raspada sinaliza a sua adesão à prática do Budismo que, desde 2005, a conduz aos propósitos e à dedicação constantes para a elevação das potencialidades positivas e espirituais do ser humano. Seus olhos azuis e sua comunicação expressiva se voltam para os menos favorecidos, com pouca ou nenhuma atenção da sociedade e, principalmente, do poder público.

Cris é silenciosa quando fazemos menção à prática e ao ensino da dança no município. Sua apreciação do assunto nos remete à desqualificação dos patamares técnicos expressivos do que é oferecido aos jovens que procuram a arte da dança como um meio de expressão, o que corrobora o parecer dessa editoria quando o assunto é a qualidade de tudo que envolve a Arte e a Cultura em Búzios.



ENSAIO FOTOGRÁFICO FOTO WALTER CARVALHO

ENSAIO FOTOGRÁFICO, FOTO PAULA PAPE



Cris Paramita atua à frente da Associação dos Ciclistas de Búzios – Pedala, onde ocupa, atualmente, o cargo de presidente, e também da Associação dos Amigos, Familiares e Usuários da Saúde Mental de Búzios/AFAGUS. É protetora dos animais e do movimento popular para a proteção do Mangue de Pedras. Participa ainda do Grupo das Mulheres pela Segurança em Búzios e, junto com a curadoria da bab Bienal de Artes de Búzios, participou ativamente dos projetos de oficinas de arte contemporânea no CEJOB.

CATU E BORROMEO, NOSSOS CÃES BUZIANOS, por Miriam Mambrini

Cada ano de vida do cachorro corresponde a sete do seu dono. Borromeo e Catu, nossos cachorros, ainda são um pouco mais moços do que nós, mas logo, logo, nos ultrapassarão. Fizeram dez anos.

São dois bichos claros de tamanho médio, nascidos na mesma ninhada, filhos de Kenia, uma cadela labrador de tonalidade areia que vivia na casa de meu irmão, na praia de Manguinhos, em Búzios. O pai, Jambo, um belo labrador dourado, provavelmente foi corneado por Kenia durante o cio, pois, se Borromeo é uma reprodução fiel da mãe, Catu tem suspeitos pelos ásperos no pescoço, peito e costas, que formam uma espécie de juba. Parece um leão em miniatura.

A paternidade de Catu permaneceu um mistério até certo dia em que, voltando da praia, vi um cachorro vindo na minha direção na rua de terra do nosso loteamento. O reconhecimento foi imediato. Aquele era o pai do Catu. Caminhavam ambos com as patas de trás voltadas para dentro e o focinho baixo. O pelo de arame do cachorro desconhecido era igual ao que recobria a parte anterior do corpo do meu cachorro. Revi o pai de Catu algumas vezes, por ali. Era um cachorro com dono, mas independente e aventureiro, que bem podia ter seduzido Kenia, e plantado aquele filhote estranho na ninhada.

Borromeo e Catu são ambos bichos dóceis e carinhosos, mas têm temperamentos diferentes. Borromeo foi o primeiro a ser escolhido. Quando ainda era bem pequeno, trazia-o para brincar no gramado da nossa casa para que fosse se acostumando à futura moradia. Trazia também Catu, a essa época igual ao irmão, para lhe fazer companhia. Acabei ficando com os dois. Talvez por sentir que não fora o escolhido, e que só ficara na casa por condescendência dos donos, Catu tinha medo de ser rejeitado. Estava sempre perto de nós, mendigando um passar de mão no seu dorso ou uma palavra carinhosa. Se saía por um portão que alguém esquecera de fechar, voltava logo, com medo que o deixassem de fora para sempre. Era o patinho feio.

Borromeo não precisava dessas cautelas. Sabia-se amado, sabia-se bonito, macio, filho legítimo e mimado. Era independente, fugia sempre que um portão ficava aberto, ia se enroscar em redes de pescadores na praia e ciscar comida de gente em latas de lixo de vizinhos. Muitas vezes, altaneiro, não atendia aos chamados, como se dissesse: Só vou se quiser.

Nascidos e criados juntos, se tornaram tão inseparáveis, que é impossível pensar em um sem que surja a imagem do outro. Às vezes, passeando na praia levados pela coleira, vão tão perto um do outro como uma parrelha de cavalinhos brancos puxando uma charrete. Outras vezes, andando pelo gramado e farejando cheiros só por eles percebidos, lembram dois bezerros nelore pastando num campo verde. Balançam as caudas alegres no mesmo compasso, caçam juntos os pobres lagartos ou gambás que ousam entrar em nosso terreno e latem desesperadamente quando separados.

Borromeo sempre me pareceu o mais inteligente dos dois. Entende um número grande de palavras e é um mestre em entrar sorrateiramente em casa e sair com um pão ou um pedaço de queijo na boca. Em pequeno, dedicava-se a roubar sandálias havaianas, que mastigava com gosto. Malandro como ele só. Apesar de tantas vantagens, não é o dominante. É Catu quem come primeiro a ração colocada na tigela. O irmão espera sentado que ele abandone a comida, contendo a impaciência, para, então, se aproximar. Um código só deles, que não pode ser contrariado, regula as relações dessa matilha de dois.

Incomodada com o fato de Borromeo ter que esperar seu irmão comer o que bem quisesse, para só então matar a fome, comecei por separar a comida em duas vasilhas. Não funcionou. Catu corria de uma para a outra e rosnava sempre que Borromeo fazia menção de se aproximar. No dia em que forcei a barra, tirando Catu da frente da comida, e colocando Borromeo em seu lugar, houve uma luta violenta entre os dois, que resultou numa orelha rasgada em um e num focinho ensanguentado no outro. Foi a primeira e única briga entre eles que presenciei. Percebi que tinha que deixá-los em paz com suas regras de convivência, cujo entendimento estava fora de meu alcance. Além do mais, Borromeo estava bem gordinho, era melhor mesmo que comesse menos.

Ao longo dos anos, o amor entre nós e os cachorros só fez crescer. Temos prazer em lhes proporcionar prazer, em levá-los para nadar no mar e para os passeios matinais e vespertinos na praia, em dar-lhes os biscoitos e pedaços de pão de que tanto gostam ou grandes ossos, que ficam roendo horas seguidas. À noite, adoram ouvir televisão deitados perto de nós, às vezes se aproximando para que os acariciemos.

Com eles aprendemos que os animais não se distanciam muito dos humanos em seus sentimentos. Amam, têm raiva, ciúmes, alegrias e tristezas, como nós. Em Borromeo e Catu, o que predomina é o amor. É o sentimento que melhor conhecem, aquele com que sempre foram tratados. Amam-se um ao outro, e amam a nós, seus donos. Provam isso com a esfuizante alegria à nossa chegada, e com a depressão que precede a nossa partida, quando se deitam na terra, sem querer se despedir e nem sequer nos olhar, cheios de mágoa, enquanto tomamos o carro e nos afastamos para mais alguns longos dias sem eles.



Praia de Manguinhos, foto Miriam Mambrini

Miriam Mambrini é carioca e formada em Letras e habitué de Búzios há vários anos. Seu primeiro livro de contos *O baile das feias* foi publicado em 1994 e, como o que se seguiu, *Grandes peixes vorazes*, incluiu contos premiados em vários concursos. Escreveu os romances *A outra metade*, atualmente em segunda edição, *As pedras não morrem* e *O crime mais cruel*. *As crônicas de Maria Quitéria*, 32 falam de sua vida de menina em Ipanema, o bairro onde nasceu e sempre viveu. Publicou os romances *Ninguém é feliz no paraíso* e *A bela Helena*. Seus contos foram incluídos em várias antologias, entre as quais *30 Mulheres que estão fazendo a literatura brasileira hoje*, seleção de Luiz Ruffato (Record) e *Contos de escritoras brasileiras* (Martins Fontes). Faz parte do grupo Estilíngues, que publica antologias de contos fora do circuito comercial. Colaborou em jornais e revistas, nacionais e estrangeiras, entre as quais a italiana Sagarana, a inglesa Litro, a espanhola 2384 e a brasileira Pessoa.

Sergio Rodrigues LINHA TAJÁ



Rua das Pedras, 116 - loja 6 - Travessa dos Arcos - Tel.(22)2623 4298



@ambardebuziosluizrandon



/ambardebuziosluizrandon